



Serviço Público Federal
Ministério do Turismo
Secretaria Especial da Cultura
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI)
Coordenação-Geral de Identificação e Registro (CGIR)
Divisão Técnica de Diversidade Linguística (DTD)

PARECER TÉCNICO nº 11/2021/DTDL/CGIR/DPI

ASSUNTO: Análise Técnica do Dossiê da Língua Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau.

REFERÊNCIA: Proc. 01450.003438/2021-47 (Cf. Processo Matriz 01450.005999/2014-51: Projeto-piloto de Levantamento Regional da Situação Sociolinguística de 26 (vinte e seis) etnias indígenas de Rondônia - TED nº 04/2014 - Iphan/MPEG).

Brasília, 19 de novembro de 2021.

Senhor Chefe da Divisão Técnica de Diversidade Linguística,

Este parecer técnico trata da inclusão da língua indígena Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau no Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), cuja pesquisa e documentação fez parte do LEVANTAMENTO REGIONAL DA SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE 26 ETNIAS INDÍGENAS DA REGIÃO DE RONDÔNIA – projeto apoiado pelo IPHAN e realizado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, vinculado ao MCTI, cujos objetivos principais foram os seguintes:

- Levantar a situação da língua nativa de 26 (etnias) etnias do Estado de Rondônia, investigando os parâmetros reconhecidos para diagnosticar o grau de ameaça de cada, por exemplo, número de falantes e semifalantes, grau de transmissão da língua, grau de manutenção de arte verbal tradicional, alfabetização na língua indígena e medidas e programas de apoio;
- Obter as informações necessárias para a patrimonialização de cada língua, por exemplo, os nomes da língua, sua história e suas relações genéticas com outras línguas e dialetos;
- Produzir e documentar a anuência informada de cada etnia para o reconhecimento da sua língua como Referência Cultural Brasileira;
- Documentar minimamente cada língua e dialeto por meio de gravação;
- Mobilizar cada etnia a manter e promover as suas línguas, fornecendo ideias e capacitação para isso;
- Contribuir para o aperfeiçoamento de metodologias para levantar a situação de línguas indígenas de uma região, gerando subsídios para levantamentos futuros do Inventário Nacional de Diversidade Linguística (INDL);
- Gerar experiências de referência no uso de novas tecnologias para documentação e identificação de línguas para serem disponibilizadas no âmbito do INDL

Esta Divisão Técnica elaborou uma síntese sobre o referido Levantamento Sociolinguístico por meio da NOTA TÉCNICA nº 11/2021/DTDL/CGIR/DPI (SEI nº 3079703) para que se tenha informações adicionais sobre o projeto de modo que se mantenha em perspectiva a dimensão da iniciativa de escala regional, pluriétnica e multilinguística.

Documentos analisados:

- Formulários preenchidos conforme o Guia de Pesquisa e Documentação INDL em formato digital (SEI 3071579 e 3071614);
- Termo de Autorização de uso de áudio, imagem e demais registros para fins de documentação, estudo e divulgação científica (SEI 3071726);
- Termos de Anuência escritos (SEI 3071758) e em vídeo (3071821);
- Amostras gravadas do uso da língua (SEI 3076572, 3076610, 3076662 e 3076689);
- Relação de Levantamento da Ortografia dos Uru-Eu-Wau-Wau escritas (SEI 3076722);
- Gravação em áudio da lista do Museu Goeldi de mais de 300 (trezentas) palavras na língua nativa (SEI 3076802, 3076823, 3076880, 3076957, 3077283 e 3077302);
- Mapas das Aldeias e T.I.s Kawahiba (SEI 3077347), das Aldeias visitadas no INDL (SEI 3077366) e dos Povos Kawahiba (SEI 3077382);
- Imagens da Cartilha para alfabetização dos indígenas Uru-Eu-Wau-Wau em sua própria língua (SEI 3077467, 3077509, 3077531, 3077558, 3077575, 3077601, 3077615, 3077622, 3077633, 3077639, 3077658 e 3077671);
- Fotos da Aldeia 621 e da Escola da Aldeia 623 (SEI 3079090 e 3079125);
- Arquivos de 02 (duas) Referências Bibliográficas: Kagwahiva Dictionary (SEI 3079153) e Etnocéia Uruéu-Au-Au (SEI 3079203).

É importante ressaltar que a anuência escrita e em formato audiovisual à realização dos estudos necessários foram concedidas pelos caciques de 04 (quatro) das 06 (seis) aldeias (Linha 621, Linha 623, Linha 625 [Aldeia Nova] e Alto Jaru) e alguns indígenas do povo Uru-Eu-Wau-Wau, bem como a autorização escrita para o uso de imagem.

A distância das aldeias Jamari e Alto Jamari com relação às demais dificultou a assembleia com todos os caciques para a filmagem do vídeo; entretanto, as lideranças presentes ressaltaram que nem todas as decisões tomadas contam com a presença de todos os caciques.

Documentos consultados:

- i. Guias de Pesquisa e Documentação para o INDL. Volumes 1 , 2 e Suplemento Metodológico (versão digital). Iphan, 2016;
- ii. Decreto nº 7.387, de 9 de dezembro de 2010, que institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística e dá outras providências;
- iii. Nota Técnica nº 8 - PU/DNDH, de 14 de setembro de 2021;
- iv. Nota Técnica nº 11/2021/DTDL/CGIR/DPI, de 03 de novembro de 2021;
- v. LEÃO, Auxiliadora Cruz de Sá et al. Diagnóstico Final e Potenciais Interferências nas Terras Indígenas Karitiana, Karipuna, Lage, Ribeirão e Uru-Eu-Wau-Wau. Estudo Socioeconômico sobre as Terras e Povos Indígenas situados na Área de Influência dos Empreendimentos do Rio Madeira (UHES Jirau e Santo Antônio). Brasília, Março de 2005.

I. Histórico do povo Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau:



Aldeia Alto Jamari - Maloca Jupau

Fonte: LEÃO, Auxiliadora Cruz de Sá et al. Diagnóstico Final e Potenciais Interferências nas Terras Indígenas Karitiana, Karipuna, Lage, Ribeirão e Uru-Eu-Wau-Wau. Estudo Socioeconômico sobre as Terras e Povos Indígenas situados na Área de Influência dos Empreendimentos do Rio Madeira (UHES Jirau e Santo Antônio). Brasília, Março de 2005. Pág. 78.

Segundo registros históricos, a ocupação no Estado de Rondônia pelos não índios sempre foi motivada por interesses econômicos. O primeiro fluxo migratório ocorreu no Século XVII em busca de mão de obra indígena escrava. Já o segundo movimento se deu no Século XVIII quando inicia o ciclo do ouro e, ao final deste século, começa o ciclo da borracha até as décadas de 10 e 20 do Século XX.

Após a Segunda Guerra Mundial, houve uma revalorização da borracha e da exploração mineral, cassiterita e ouro na Região Amazônica, reaquietando o fluxo migratório e, por consequência, os conflitos com dezenas de povos indígenas por conta da ocupação do solo.

Além dos combates, as epidemias trazidas “*pelas mãos dos brancos*” ocasionaram a morte de milhares de indígenas. Em seguida, os projetos de colonização passam a integrar os projetos governamentais a partir da década de 40; nos anos 60, por incentivo do Polonoroeste (Programa Integrado de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil), financiado pelo Banco Mundial, começa a abertura da BR-364.

O traçado da rodovia federal tornou-se o eixo de grandes projetos de colonização do governo nos anos 70 que estimulou a migração de milhares de agricultores do sul e do sudeste brasileiros, que deslocou para a região norte os impasses políticos geradores dos conflitos agrários.

No caso particular dos Uru-Eu-Wau-Wau, embora haja relatos sobre a ocupação indígena na região datados desde 1909, os registros oficiais são realizados a partir de 1976, quando foram localizadas 03 (três) malocas entre as cabeceiras dos Rios Branco, Cautário e Sotério, próximos à Serra dos Pacaás Novos, no Estado de Rondônia, e 01 (uma) maloca próxima ao Igarapé Souza Coutinho, na cachoeira do Mutum, no Estado do Amazonas.

Conforme documentos históricos corroborados por relatos orais dos anciãos Uru-Eu-Wau-Wau, a área de ocupação desse povo abrangia os vales dos Rios Madeira (ao norte), Machado (a leste), Guaporé (ao sul) e avançava até o Rio Mamoré (a oeste). Até o início do Século XX, quando é estabelecido o contato oficial com os indigenistas, os Uru-Eu-Wau-Wau lutaram para impedir a invasão de seus territórios pelas frentes expansionistas.

Porém, muito antes do contato oficial com os grupos indígenas, a primeira proposta de delimitação de reserva indígena ocorreu em 1946, seguida por sucessivas interdições nas décadas seguintes motivadas pelos sangrentos conflitos até que, entre ida e vindas, a Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau teve seus limites homologados pelo Decreto nº 275 de 29 de outubro de 1991 da Presidência da República, perfazendo uma superfície de 1.867.117 ha e perímetro de 865 km, conforme a demarcação efetuada em 1986, devidamente registrada nos Cartórios de Registros de Imóveis e no Serviço do Patrimônio da União. (LEÃO, 2005, Pág. 84)

Segundo dados georreferenciados pelo portal “Terras Indígenas do Brasil” a Terra Indígena Uru-Eu-Au-Au faz limite com 12 (doze) Municípios de Rondônia: Alvorada D’Oeste, Cacaulândia, Campo Novo de Rondônia, Costa Marques, Governador Jorge Teixeira, Guajará-Mirim, Jaru, Mirante da Serra, Monte Negro, Nova Mamoré, São Miguel do Guaporé e Seringueiras e tal área está habitada pelos Uru-Eu-Wau-Wau e pelos seguintes povos: Amondawa, Isolados Bananeira, Isolados do Cautário, Isolados do Igarapé Oriente, Isolados no Igarapé Tiradentes, Juma e Kawahiva isolado do Rio Muqui.

Municípios

Municípios com incidência nesta Terra Indígena

Municípios - Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau

#	Estados (UF)	Município	Área do município (ha)	Área da TI no município (ha)	Área da TI no município (%)
1	RO	Alvorada D'Oeste	302.918,90	114.129,99	6,41
2	RO	Cacaulândia	196.177,80	3.037,71	0,16
3	RO	Campo Novo de Rondônia	344.200,50	82.158,69	4,40
4	RO	Costa Marques	498.717,70	60.153,83	3,22
5	RO	Governador Jorge Teixeira	506.738,40	339.651,43	16,19
6	RO	Guajará-Mirim	2.485.572,40	563.060,99	30,16
7	RO	Jaru	294.412,80	15.961,70	0,85
8	RO	Mirante da Serra	119.167,50	41.522,88	2,22
9	RO	Monte Negro	193.137,80	10.326,94	0,55
10	RO	Nova Mamoré	1.007.164,30	56.410,77	3,02
11	RO	São Miguel do Guaporé	746.021,90	418.660,53	22,42
12	RO	Seringueiras	377.350,50	171.029,43	9,16

Fonte: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3891#pesquisa>

Tais registros históricos vão ao encontro dos relatos dos anciãos Uru-Eu-Wau-Wau (neste caso foram ouvidos os representantes das aldeias 621 e 623), que se lembram de, há tempos atrás, seus povos estarem juntos dos Tenharim, dos Parintintim, dos Amondawa, dos Diahoi, dos Juma, dos Karipuna de Porto Velho, dos Piripkura e dos Apiaká, todos próximos ao Rio Madeira, no lado pertencente ao estado do Amazonas.

Os Uru-Eu-Wau-Wau separaram-se desses povos, e juntamente com os Amondawa dirigem-se para as imediações do que hoje é o rio Cautário, sudoeste de Rondônia; Conflitos internos levam o povo Uru-Eu-Wau-Wau a se separar dos Amondawa e ir para a região de Comandante Ary ou Alta Lídia, onde tem contato com a Funai pela expedição comandada por Zebel (o sertanista José do Carmo Santana), que tinha por objetivo evitar um possível conflito na região motivada pela política governamental de colonização de Rondônia.

Além da invasão das terras ancestrais pelos não indígenas, os Uru-Eu-Wau-Wau são contaminados por doenças trazidas “*pelas mãos dos brancos*” e as levam para os Amondawa quando do retorno ao local onde este povo estava. Após essa trágica epidemia, os sobreviventes migram para uma região próxima da fronteira da TI, onde fundam a aldeia Alto Jamari. Novas separações ocorrem, seja para proteger a sua área de ocupação, seja por conta de brigas internas. Atualmente, estão dispersos em seis (6) aldeias, todas próximas dos limites do Nordeste da T.I. Uru-Eu-Wau-Wau, quais sejam: Linha 621, Linha 623, Aldeia 625 (Aldeia Nova), Jamari, Alto Jamari e Alto Jaru.

A pesquisa documental registrada nos formulários do INDL apresenta que os povos Kawahiba de Rondônia (dentre eles fazem parte os Karipuna de Porto Velho, os Amondawa, os Uru-Eu-Wau-Wau ou o único representante do povo Capivari), provêm de um dos 03 (três) grupos que se separaram do ancestral comum que habitava a foz do rio Tapajós quando fugiram, espremidos pelos Mundurucu, também Tupi, seus inimigos à época.

“Um povo, formado pelos agora Parintintim e Tenharim, se refugiou próximo ao rio Marmelos; outro, os Apiaká, cuja língua se encontra extinta, se estabeleceu próximo ao Alto Tapajós; e, por último, temos os remanescentes dos Amondawa, Uru-Eu-Wau-Wau, Karipuna de Porto Velho e Capivari, que teriam entrado em Rondônia pelos afluentes do rio Madeira, rios Jaci-Paraná e Jamari (LEONEL, 1995, p. 33).

Outros povos, dados como extintos, tais como os Kawahiba que habitavam áreas próximas ao rio Machado, como os Paranawat (NIMUENDAJÚ, 1981 [1944]) e Wiraféd (NIMUENDAJÚ, 1981 [1944], 1955); também em um tributário deste mesmo rio, mais próximo do rio Muqui, caso dos Takwatip (NIMUENDAJÚ, 1948, 1981 [1944]; LÉVI-STRAUSS, 1955, p. 379-439; MEIRELLES e MEIRELLES, 1981, p. 139-140); e os Ipotewát, no rio Machado, falavam dialetos desta língua.

Lévi-Strauss (1955) também menciona grupos que já estavam quase em extinção à época e que moravam perto do rio Machado/Ji-Paraná, como os Tucumanfét e os Jabotiféd, e os já extintos no momento, os Mialat, que habitavam na região do rio Leitão, em 1938. O povo conhecido como Piripkura (palavra Gavião que significa “borboleta”), atualmente em fase de contato, também fala um dialeto Kawahiba.

Do povo Capivari só restou um indígena, que mora hoje com os Karitiana, e já se encontra com 97 (noventa e sete) anos.

Além disso, ainda há os povos Kawahiba na T.I Uru-Eu-Wau-Wau não contactados. Os Amondawa e Uru-Eu-Wau-Wau também contam que há outro povo isolado nessa terra que não pertence ao povo Kawahiba, principalmente por sua flecha, que é tida como maior que a dos Kawahiba. Daí o nome Wyrapararakwara atribuído por esses indígenas aos isolados, termo que significa “aqueles das flechas grandes””. (Modulo 4, Item 3, Subitem 3.2)



Mapa da TI Uru-Eu-Wau-Wau na visão indígena – autoria de Djurip Jupau Uru-Eu-Wau-Wau

Fonte: <https://piib.socioambiental.org/pt/Povo:Uru-Eu-Wau-Wau>

Segundo dados obtidos de organizações como o Instituto Socioambiental (ISA) e a Associação de Defesa Etnoambiental Kanindé, "os registros de invasões no território dos Uru-Eu-Wau-Wau e Amondawa são anteriores à demarcação. Nas décadas de 1970 e 1980, o Incra estabeleceu assentamentos dentro da Terra Indígena.

Os agricultores nunca foram indenizados, e o conflito permanece até hoje. Nessa região, entre os rios Nova Floresta e Jamari, o desmatamento é assombroso e já consumiu cerca 60% (sessenta por cento) da floresta da região. Esse desmatamento é ilegal porque não está respaldado por nenhum tipo de licença dos órgãos ambientais competentes.

Muito próximo dessa área que continua em litígio, existem 388 (trezentos e oitenta e oito) Cadastros Ambientais Rurais (CAR) declarados irregularmente sobre a TI, somando mais de 30 mil hectares. Os CARs são autodeclarados, e necessitam de validação do órgão estadual ou municipal competentes para tornarem-se regulares. "Nesse caso, o CAR não poderá ser validado pelo órgão ambiental porque não é possível regularizar ambientalmente áreas sobrepostas à Terra Indígena. A Constituição Federal garante aos índios o usufruto exclusivo das riquezas dos solos, dos rios e dos lagos existentes na TI. Esses recursos não podem ser compartilhados com invasores ou ocupantes ilegais", avalia Juliana Batista, advogada do ISA. O monitoramento do ISA detectou, nessa região, a presença de ramais congruentes com os limites dos CAR declarados irregularmente.

Em 2017, a Polícia Federal desarticulou uma quadrilha de grileiros acusadas de invadir, grilar e desmatar a Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau. Os grileiros haviam dividido a terra em 328 (trezentos e vinte e oito) lotes, que eram vendidos por até R\$ 40 mil. Na ocasião, foram presas 14 (quatorze) pessoas, entre eles policiais militares acusados de informar os criminosos das operações de fiscalização, com antecedência."

Essas constantes movimentações indevidas na Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau motivadas pelas extrações ilegais de madeira, de minérios e demais riquezas da região alimentavam crescentes conflitos que resultaram, em 2020, na trágica morte do indigenista Riel Franciscato, Coordenador da Frente de Proteção Etnoambiental Uru-Eu-Wau-Wau (FPEUEWW), pertencente à Funai, ao ser atingido por uma flecha oriunda de um dos "isolados do Cautário", "sobreviventes de massacres ocorridos em Rondônia desde os anos 1980, quando "o governo militar encampou um processo de colonização na região com a construção de estradas, forçando o contato que acarretou o extermínio de inúmeros povos indígenas da região", conforme ressaltado em nota de pesar conjunta da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), e o Observatório dos Direitos Humanos dos Povos Isolados e de Recente Contato (Opi).

II. Sobre a caracterização atual da comunidade linguística do povo Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau:

Segundo dados de pesquisa realizada pelo Associação de Defesa Etnoambiental Kanindé em parceria com a Associação do Povo Indígena Uru-Eu-Wau-Wau Jupau e disponibilizado ao público geral pelo Instituto Socioambiental (ISA), os Uru-Eu-Wau-Wau se autodenominam "Jupau" (os que usam jenipapo) e vivem na Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau, onde vivem também os Amondawa, os Oro Win (que pertencem à família linguística Txapakura), além de três grupos isolados: Yvraparakwara, Jururey e um cujo nome é desconhecido (Segundo o Portal "Terras Indígenas" os povos que vivem nessa área são: Uru-Eu-Wau-Wau, Amondawa, Isolados Bananeira, Isolados do Cautário, Isolados do Igarapé Oriente, Isolados no Igarapé Tiradentes, Juma, Kawahiba isolado do Rio Muqui).

Muitos foram os nomes atribuídos aos Uru-Eu-Wau-Wau: Bocas Negras, Bocas-Pretas, Cautários, Sotérios e Cabeça Vermelha, são encontradas na historiografia e estão relacionadas ao espaço geográfico ou a semelhanças culturais e linguísticas dos Jupau e Amondawa, ou a grupos Kawahib em geral.

Quanto às autodenominações contidas nos Formulários do Guia INDL (Módulo 4 – Identificação e Caracterização de Referência; 1 – Denominações), os Uru-Eu-Wau-Wau se autodenominam como "Jimanga" e "Jupa'u":

Autodenominação: **Uru-Eu-Wau-Wau:**

"Termo dado pelos Oro Win aos Uru-Eu-Wau-Wau. Na língua dos Oro Win, significa 'os tocadores de taboca', instrumento utilizado durante um ritual conhecido como Yrerua." (SEI 3071579, Pág. 37)

Autodenominação: **Jimanga:**

"A indígena Manda, da aldeia 621, mencionou que quando os povos Amondawa e Uri-Eu-Wau-Wau estavam juntos, essa era uma das autodenominações que esse povo, formado por ambos, utilizava." (SEI 3071579, Pág. 37)

Autodenominação: **Jupa'u:**

"Autodenominação do povo Uru-Eu-Wau-Wau hoje contatado e que vive na T.I. Uru-Eu-Wau-Wau. Foram quase dizimados, seja por doença ou massacres com invasores da terra. O nome do grupo corresponde ao nome do seu grande guerreiro, Jupa'u." (SEI 3071579, Pág. 37)

Autodenominação: **Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau:**

"Os indígenas desejam que o nome da etnia, Uru Eu-Wau-Wau, também faça parte do nome a ser registrado como patrimônio histórico cultural. Sendo assim, o acordo resultou na nomeação da língua como Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau." (SEI 3071579, Pág. 38)

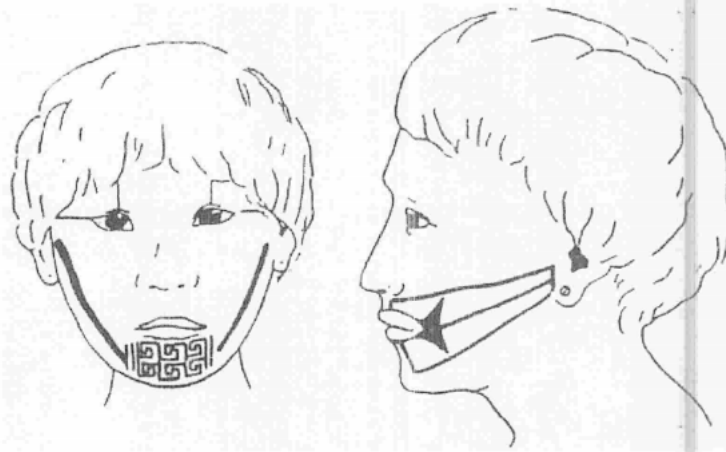
"Kawahiba significa 'gente', 'índio', 'pessoa'. Uru-Eu-Wau-Wau foi a denominação cunhada pelos indígenas Oro Win, que historicamente também habitavam o estado de Rondônia. Na língua Oro Win, Uru-Eu-Wau-Wau significa 'tocadores de taboca'. Os povos Kawahiba têm um ritual chamado Yrerua, quando dançam em círculo tocando uma flauta enorme feita de taboca. Daí os 'tocadores de taboca' por parte dos Oro Win." (SEI 3071579, Pág. 38)

Ainda segundo a fonte externa supracitada, por questões de segurança, os Uru-Eu-Wai-Wai encontram-se distribuídos nos limites da Terra Indígena em 06 (seis) aldeias (Limão, Alto Jamari, Linha 621, Linha 623, Aldeia Nova e Alto Jaru).

No entanto, na pesquisa para o INDL (Módulo 1 – Identificação da Pesquisa; Item 6 – Identificação da Pesquisa; 6.3 – Delimitação da abrangência da pesquisa), as 06 (seis) aldeias estão concentradas no Município de Governador Jorge Teixeira (RO) possuem os seguintes nomes: Linha 621, Linha 623, Linha 625 ou Aldeia Nova, Alto Jamari, Alto Jaru e Jamari).

Culturalmente, como foi primeiramente observado por Denófrío (2013, p. 17) e confirmado em trabalho de campo do pesquisador do Museu Goeldi (Vide: Módulo 3 – Comunidade Linguística; 3 – Caracterização da Comunidade Linguística; 3.2 – Presente), esses povos se caracterizam por fazerem uso de tatuagens faciais que se diferenciam entre homens e mulheres, como se verifica na figura abaixo, extraída de Nimuendajú (1924). Denófrío (op. cit., p. 17) menciona que os Pirikpura não se lembram de fazer uso de tatuagens.

Figura 11. Tatuagens masculina e feminina Kawahiba.



Fonte: Formulário INDL. Módulo 3. Comunidade Linguística. Item 3. Caracterização da comunidade linguística. Subitem 3.2. Presente. (Pág. 35 do SEI 3071579)

São notáveis pelas técnicas de aumento do pênis; cintos masculinos feitos de cipó; estojo que acompanha o pênis; cabelos curtos; não consumo de tabaco; a prática da agricultura; à prática ritual de exoantropofagia; terminologia de parentesco do **tipo dravidiano** (Os **dravidianos** ou **drávidas** são [grupos étnicos](#) que falam qualquer dos idiomas de uma grande [família linguística](#) não **indo-europeia** no sul do **subcontinente indiano**); metades **exogâmicas** (realizam casamento entre membros de diferentes categorias, classes ou grupos), patrilineares não localizadas, *com nomes de aves, Mutum e Gavião Real, no caso dos Parintintin; residência que tende a ser uxoriocal* (Costume tradicional de acordo com o qual, após o casamento, os cônjuges se mudam para a casa da esposa ou para a sua localidade) **com circunstâncias neolocalis**

(Relativo a neolocalidade ou ao modo de residência de um novo casal em que os cônjuges vão habitar numa casa distinta das casas das suas famílias ou em outra povoação); *relações entre genros e sogros caracterizadas pelo imperativo da dívida e do dom, xamanismo horizontal* ([-payé] se dedica às relações com habitantes da floresta, intercedendo nas atividades de caça, pesca, guerra etc. e realiza cura por meio de ações sobre o corpo); *sistema de mudança onomástica*, em que os nomes denotam os clãs, os sexos, as idades; e a dispersão geográfica e a autonomia política do grupo local (DENÓFRIO, 2013, p. 17).

No que diz respeito às relações sociais dos Uru-Eu-Wau-Wau com a sociedade não indígena, como já mencionado, essa relação é esporádica e se restringe a quando os indígenas necessitam se deslocar para resolver algo na cidade, como saque mensal de auxílios sociais, o que os leva a fretar uma lotação ou se locomoverem com suas próprias motos, ou mesmo por empréstimo de veículo motorizado.

O deslocamento em lotação é comumente feito pelos mais velhos, já que os mais jovens ou vão nas suas motos ou, como já mencionamos, pegam emprestado de algum vizinho ou parente indígena com quem têm mais afinidade.

Fonte: Formulário INDL Módulo 3. Comunidade Linguística, Item 3. Caracterização da comunidade linguística, Subitem 3.2. Presente, Págs. 35 e 36 do SEI 3071579).

III. Sobre a língua Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau:

O dossiê foi elaborado pelo pesquisador Wesley Nascimento dos Santos, à época aluno de mestrado em Linguística na UNICAMP durante o período de execução do Levantamento em viagens realizadas nos meses de fevereiro, julho e agosto de 2017 para a coleta dos dados.

A realização desse levantamento foi supervisionada por Denny Moore, linguista com larga experiência de trabalho com grupos indígenas em Rondônia.

A área de abrangência da pesquisa foi delimitada pelas 06 (seis) aldeias Uru-Eu-Wau-Wau localizadas na Linha 621, Linha 623, Linha 625 ou Aldeia Nova, Jamari, Alto Jamari e Alto Jaru.

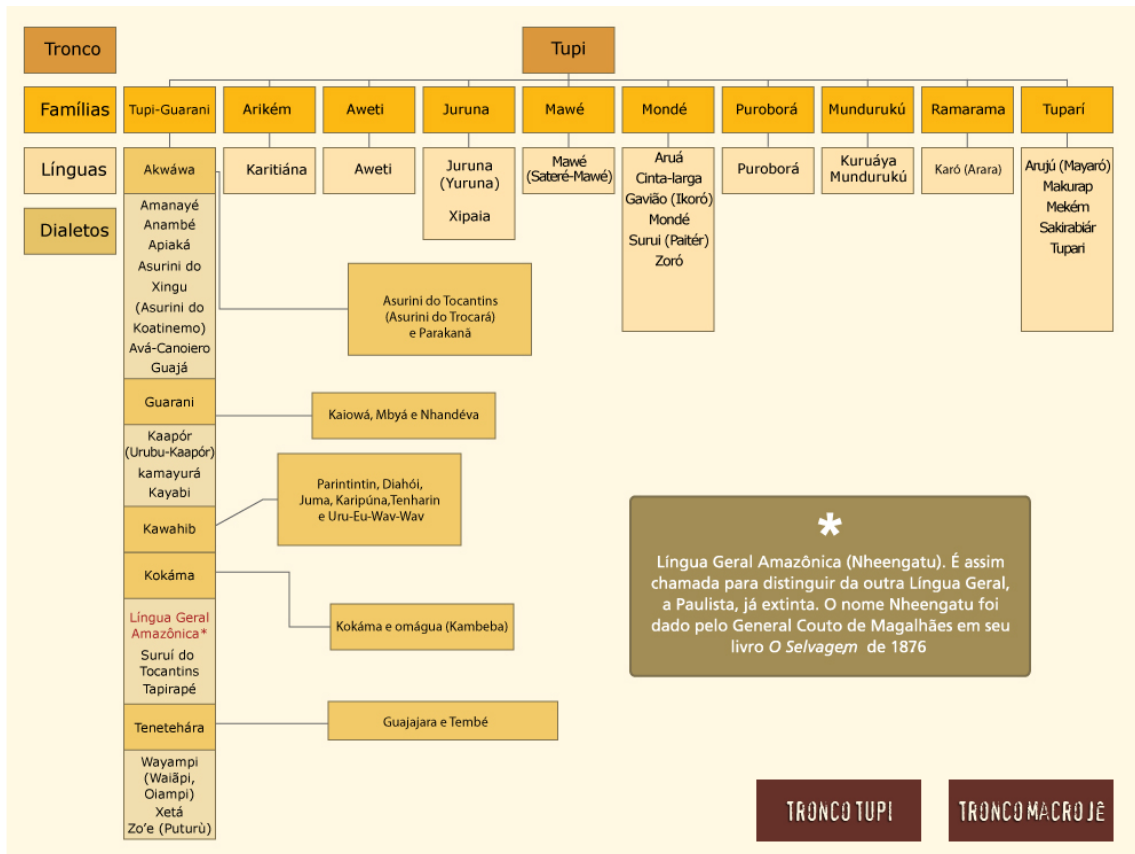
Contudo, para a realização do trabalho, conforme registrado na Nota Técnica nº 11/2021/DTDL/CGIR/DPI (SEI 3079703), foram visitadas 02 (duas) aldeias (Linhas 621 e 623) devido à distância entre as mesmas, fato esse que se mostrou como um empecilho natural à visita de todos os locais. A solução para superar a dificuldade apresentada foi a obtenção das anuências escritas (para uso de imagem e para a inclusão da língua no INDL) por meio da realização de um encontro promovido pela Funai na aldeia 623 com os caciques de 04 (quatro) das 06 (seis) aldeias (Linhas 621, 623, 625 [Aldeia Nova] e Alto Jaru), além de outros indígenas das comunidades, para discussão de algumas questões sobre a educação indígena, bem como a invasão das terras dos Uru-Eu-Wau-Wau.

Ainda sobre a NT citada, "a distância das aldeias Jamari e Alto Jamari em relação às demais dificultou a assembleia com todos os caciques para a filmagem do vídeo que autoriza a inclusão da língua no inventário. Apesar disso, os indígenas das 04 (quatro) aldeias que estavam representadas na assembleia afirmaram não ser um grave problema, pois é comum que nem todas as decisões tenham presentes todos os caciques."

Apesar das limitações logísticas apresentadas, o diagnóstico sociolinguístico conseguiu mapear todos os domicílios de cada uma das aldeias Uru-Eu-Wau-Wau. Àquelas não visitadas, foi de grande valia uma lista com os nomes dos indígenas fornecida pelos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (Dsei),

unidade gestora descentralizada do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SasiSUS) que, por sua vez, integra a estrutura da Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), do Ministério da Saúde (MS).

O termo Kawahiba (Kagwahiva ~ Kawahiv ~ Kawahiva ~ Kawahiba) tem sido atribuído a um complexo dialetal composto por, no mínimo, 08 (oito) dialetos ainda existentes e falados por diferentes etnias localizadas entre o Amazonas, Mato Grosso e Rondônia como: Uru-Eu-Wau-Wau (ou Jupa'u), Amondawa, Karipuna de Rondônia, Parintintim, Tenharim, Juma, Diahoi, Piripkura, além de povos Kawahiba isolados, que resistem ao contato com os não indígenas.



Quadro das Línguas Indígenas Brasileiras

Fonte: <http://www.cms.saude.gov.br/saudeindigena/quemsaepes/linguasindigenas.html>

Com relação à análise dos principais elementos estruturais entre as línguas comparadas (Módulo 4 – Identificação e Caracterização da Língua de Referência; Seção 5 – Língua e Variedades; 5.2 – Caracterização das línguas e variedades identificadas), no que concerne às línguas identificadas como uma “*Mesma Língua*” em relação à língua Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau, os pesquisadores reconhecem que somente uma pesquisa com tal escopo específico poderia dar maiores detalhes sobre as especificidades de cada variedade dialetal como, por exemplo, a fonologia segmental, a prosódia, o léxico, a morfologia e a sintaxe.

Dessa forma, é inviável que este inventário responda essa questão apropriadamente quanto aos níveis linguísticos de cada variedade.

Por outro lado, a pesquisa identificou propostas de classificação e parentesco da língua dos povos Kawahiba no âmbito da família Tupi-Guarani e/ou tronco Tupi.

“A dissertação de Sampaio (1997), ‘Estudo Comparativo Sincrônico entre os Parintintim (Tenharim) e o Uru-Eu-Uau-Uau (Amondawa): contribuições para uma revisão na classificação das línguas Tupi-Kawahiba’ propõe que Parintintim, Tenharim, Uru-Eu-Wau-Wau e Amondawa são dialetos de uma mesma língua com o percentual de inteligibilidade muito superior a 80%.

Em trabalho posterior, a autora (2012), com base na fonostatística, que considera critérios fonológicos para uma classificação interna, (tal como na figura 12), e o método léxico-estatístico*, (com resultados apresentados na figura 13), também agrupa os dois povos, Amondawa e Uru-Eu-Wau-Wau, como mais próximos entre si dentro do complexo formado pelas demais etnias Kawahiba já mencionadas.” (g.n.) (SEI 3071579, Págs. 48 e 49) (*Nota: Para mais detalhes sobre o estudo citado, veja os infográficos disponíveis das Págs. 49 a 52 do SEI 3071579).*

(...)

“Por fim, gostaríamos de notar que recentemente Aguilar (2017) propôs que os Kayabi, povo que habita o norte do Pará, também faça parte do complexo dialetal Kawahiba.

A autora não apresenta dados linguísticos que comprovem essa afinidade genética aos demais Kawahiba já mencionados, mas tão somente se baseia em fontes secundárias não linguísticas.

Portanto, somos céticos quanto a essa proposta no momento, seja pela falta de dados que comprovem linguisticamente esse agrupamento aos Kawahiba, mas também e principalmente porque os Karipuna, os Amondawa e os Uru-Eu-Wau-Wau não confirmaram essa informação.

Os Karipuna ‘Aripã, Katika e Batiti’, assim como os Amondawa ‘Tari’ e os Uru-Eu-Wau-Wau da aldeia 621 ‘Boakara e Manda’ nunca ouviram falar por parte de seus antepassados de um povo que se chamasse ‘Kayabi’ e que estivesse junto nas migrações que realizaram desde o leste para o oeste. É aguardada, portanto, uma análise linguística que possa provar a filiação linguística da língua falada pelos Kayabi ao complexo Kawahiba.” (g.n.) (Pág. 52 do SEI 3071579)

Quanto aos recursos documentais na língua de referência, foi apresentada uma cartilha elaborada pelos próprios indígenas Uru-Eu-Wau-Wau com registros inconsistentes da ortografia no material. Entretanto, segundo LEÃO et al (Pág. 27, 2005), a cartilha citada foi preparada por missionários da JOCUM (Jovens com uma Missão) para a alfabetização na língua de referência. (Vide as imagens sequenciais em SEI 3077467, 3077509, 3077531, 3077558, 3077575, 3077601, 3077615, 3077622, 3077633, 3077639, 3077658 e 3077671). Há também a elaboração de uma Bíblia na língua de referência por esta instituição (Vide Módulo 4, Item 9, Subitem 9.4).

Já a produção bibliográfica sobre a língua possui uma quantidade considerável de obras de relevo (64 [sessenta e quatro] produções mencionadas), sendo que 02 (dois) exemplares foram destacados: o “Kagwahiva Dictionary”, elaborado por LaVera Betts (SEI 3079153) e a obra “Etnodiciária Uruéu-Au-Au” de Mauro Leonel (SEI 3079203).

Destacaram-se, dentre as demais, 03 (três) obras como as principais referências documentais na e sobre a língua: A Dissertação de Mestrado em Linguística “Estudo comparativo sincrônico entre o Parintintim (Tenharim) e o Uru-Eu-Wau-Wau (Amondawa): contribuições para uma revisão na classificação das

línguas Tupi-Kawahiba.” e a Tese de Doutorado em Linguística “As línguas Tupi-Kawahib: um estudo sistemático filogenético, ambos de Wany Bernardete A. Sampaio, além da “Parintintin grammar” de Helen Pease.

Por sua vez, a produção em áudio e vídeo “na” e também “sobre” a língua consiste em 01 (um) relatório antropológico feito entre 2014 e 2015 pelo antropólogo João Paulo Marro Denófrío por meio de um acordo entre o Museu do Índio/RJ da Funai de Rondônia e a CGIIRC (Coordenação-Geral de Índios Isolados e de Recém-Contato).

Também sobre a língua de referência foram encontrados conteúdos na Internet, em particular na plataforma do Youtube; Ao contrário dos demais itens, não foram encontrados produção musical tampouco conteúdo disponível na internet na língua de referência.

É importante frisar que, antes da entrega de cópia integral do material (escrito e audiovisual) produzido pelo pesquisador responsável pelo INDL, a comunidade linguística do povo Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau não dispunha em sua posse de conteúdos sobre a língua e o povo, com as exceções das já citadas cartilha escolar e de uma Bíblia Vide Módulo 4, Item 7, Subitem 7.3).

IV. Sobre o Diagnóstico Sociolinguístico:

De modo a sintetizar o volume de dados colhidos no levantamento demográfico do povo Uru-Eu-Wau-Wau registrados no Formulário INDL, organizamos os dados que representam as múltiplas variáveis sociolinguísticas para as localidades de ocorrência da língua, conforme recomendação do **Volume 2 do Guia de Pesquisa e Documentação para o INDL: (Parte 2, Item 1, Subitem 1.4)**

Assim, os dados sociolinguísticos a ser apresentados, alternadas entre gráficos de pizza e tabelas, obedeceu à sequência escolhida pelo pesquisador para os registros: número de falantes da língua de referência, em seguida, ele separou o total anterior para estimar o número de monolíngues, bilíngues e plurilíngues. Logo depois, veremos as seguintes tabulações do levantamento demográfico: **tipos de falantes** para cada **faixa etária** em **números absolutos e porcentagem**; os **tipos de falantes** para cada **faixa etária** em **números absolutos e porcentagem** em cada uma das **06 (seis) aldeias e, por fim, o nível de proficiência em escrita e leitura dos Uru-Eu-Wau-Wau.**

Os principais falantes de referência identificados foram 07 (sete) pessoas, sendo 04 (quatro) habitantes da Aldeia Linha 621 (Boakara [Cacique], Manda [esposa de Boakara], Tangip [filho mais velho do Cacique e ex-professor] e Ari [Professor indígena]) e 03 (três) da Aldeia Linha 623 (Paiajupi [Ancião], Borea [Esposa do ancião] e Puré [Professor indígena e único Uru-Eu-Wau-Wau universitário na Unir – Campus Ji-Paraná]).

Os especialistas e demais pessoas envolvidas em pesquisa e ações voltadas para a língua Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau perfazem 06 (seis) pessoas, sendo 03 (três) pertencentes à comunidade linguística (Puré [Aluno do Curso de Educação Intercultural da Unir – Estuda a revisão da Cartilha Uru-Eu-Wau-Wau], Tangaen [Participante do Projeto Açaí de formação de professores do Ensino Básico] e Ari [Professor indígena da Aldeia Linha 621 e um dos revisores da Cartilha para a Educação Infantil]) e 03 (três) especialistas (Wesley [Mestre em Linguística da Unicamp], Antonia [Mestre em Letras pela Unir – Campus Ji-Paraná] e Osmar [Mestre em Linguística da Unicamp])

Quanto à presença da língua de referência nas instituições oficiais, as Escolas Estaduais das 06 (seis) Aldeias (todas de Ensino Fundamental) apresentam as seguintes características comuns: contemplam apenas o primeiro ciclo do Ensino Fundamental (do 1º [primeiro] ao 5º [quinto] ano) e não possuem educação bilíngue adequada, pois as escolas alegam ofertar as disciplinas “na” língua e “sobre” a cultura e língua.

Apesar de incluir na grade curricular a disciplina “Língua Materna”, o conteúdo aborda basicamente os aspectos culturais do povo (por exemplo, o que se usa para caçar, de que são feitos os cestos etc). Entretanto, mesmo nessas aulas, os professores utilizam constantemente o Português.

Conclui-se, com isso, que a língua de alfabetização é o Português e assim permanece como única língua de instrução escolar. Dessa forma, a frequência de uso da língua Uru-Eu-Wau-Wau como meio de instrução é quase inexistente.

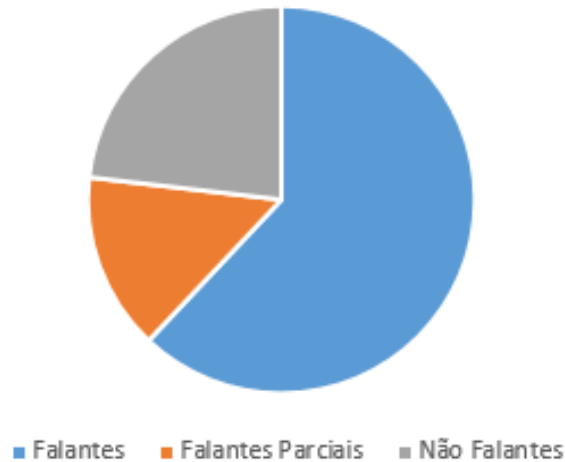
Quanto aos demais serviços públicos oferecidos (Saúde, Prefeitura e Outros), não há a promoção do uso da língua de referência nas aldeias e não foi registrada a disponibilidade de tradutores e intérpretes comunitários.

A pesquisa identificou 06 (seis) instituições que atuam na Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau: Associação do Povo Indígena Uru-Eu-Wau-Wau (Associação Jupa’u), considerada a única na comunidade; o Projeto Açaí do Governo do Estado de Rondônia (Cursos de Magistério para Indígenas), a Organização Etnoambiental Kanindé (Assessoramento de Projetos de Sustentabilidade para a comunidade), a “World Wide Fund for Nature (WWF)” (Projetos de Educação Etnoambiental junto à Kanindé) e a Jovens Com uma Missão (JOCUM).

Com relação à última instituição citada, a atuação missionária foi considerada uma potencial ameaça para a manutenção da língua e da cultura da comunidade. Segundo algumas fontes, a relação dessa instituição com os Uru-Eu-Wau-Wau chegou ao fim após um processo de adoção de uma criança indígena feito por um casal de missionários sem o consenso da comunidade.

O Diagnóstico Sociolinguístico (Módulo 5) dos Formulários do INDL projeta uma comunidade linguística da etnia Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau de 108 (cento e oito) indivíduos, sendo que 67 (sessenta e sete) são considerados indivíduos proficientes, 16 (dezesesseis) são falantes parciais e 25 (vinte e cinco) não são falantes da língua originária, com a ressalva de não terem sido computados na estimativa 01 (um) indígena da etnia Tenharim e 02 (dois) jovens da etnia Juma, ambos residentes na Aldeia Linha 621.

COMUNIDADE LINGUÍSTICA: POVO URU-EU-WAU-WAU



Dados: Falantes (Azul): 67 pessoas; Falantes Parciais (Alaranjado): 16 pessoas e Não Falantes (Cinza): 25 pessoas

Seguem demais dados encontrados no levantamento sociolinguístico em cada uma das 06 (seis) aldeias dos Uru-Eu-Wau-Wau:

Número de falantes da língua de referência (Módulo 5, Item 1, Subitem 1.1):

	ALDEIA 621		ALDEIA 623		ALDEIA LINHA 625 OU ALDEIA NOVA		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)	
Número de falantes	10	67	12	67	8	67	
Número de falantes parciais	6	16	4	16	1	16	
Numero de não falantes	5	25	4	25	1	25	
Observações	Há também um indígena Tenharim casado e residente na aldeia 621. Dos 10 falantes fluentes, 01 (um) mora na cidade de Ouro Preto do Oeste, mas está na aldeia quase que constantemente, dado que é professor na aldeia 623. Há dois indígenas da etnia Juma na aldeia 621, dos quais uma é residente, casada com um indígena desta aldeia.					Não houve visita "In loco" nas Aldeias Linha 625 (Aldeia Nova), Jamari, Alto Jamari e Alto Jaru (Módulo 1, Item 6, Subitem 6.4 - Págs. 15 e 16 do SEI 3071579)	
	ALDEIA ALTO JAMARI		ALDEIA JAMARI		ALDEIA ALTO JARU		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)	
Número de falantes	11	67	7	67	10	67	
Número de falantes parciais	3	16	2	16	0	16	
Numero de não falantes	3	25	4	25	5	25	
Observações	Não houve visita "In loco" nas Aldeias Linha 625 (Aldeia Nova), Jamari, Alto Jamari e Alto Jaru (Módulo 1, Item 6, Subitem 6.4 - Págs. 15 e 16 do SEI 3071579)		Não houve visita "In loco" nas Aldeias Linha 625 (Aldeia Nova), Jamari, Alto Jamari e Alto Jaru (Módulo 1, Item 6, Subitem 6.4 - Págs. 15 e 16 do SEI 3071579)		Não houve visita "In loco" nas Aldeias Linha 625 (Aldeia Nova), Jamari, Alto Jamari e Alto Jaru (Módulo 1, Item 6, Subitem 6.4 - Págs. 15 e 16 do SEI 3071579)		
	FALANTES QUE MORAM ENTRE OS ORO WIN, FORA DA T.I. URU-EU-WAU-WAU		URU-EU-WAU-WAU QUE NA T.I. KARIPUNA		URU-EU-WAU-WAU NA ALDEIA TRINCHEIRA DOS AMODAWA		
	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)	
Número de falantes	3	67	5	67	1	67	
Número de falantes parciais	0	16	0	16	0	16	
Numero de não falantes	0	25	3	25	0	25	
Observações	Não houve visita "In loco" nas Aldeias Linha 625 (Aldeia Nova), Jamari, Alto Jamari e Alto Jaru (Módulo 1, Item 6, Subitem 6.4 - Págs. 15 e 16 do SEI 3071579)		Não houve visita "In loco" nas Aldeias Linha 625 (Aldeia Nova), Jamari, Alto Jamari e Alto Jaru (Módulo 1, Item 6, Subitem 6.4 - Págs. 15 e 16 do SEI 3071579)		Não houve visita "In loco" nas Aldeias Linha 625 (Aldeia Nova), Jamari, Alto Jamari e Alto Jaru (Módulo 1, Item 6, Subitem 6.4 - Págs. 15 e 16 do SEI 3071579)		

Estimativa de **indivíduos monolíngues** na comunidade linguística (Módulo 5, Item 1, Subitem 1.2):



Dados: Monolíngues em Português (Amarilhado): 22 pessoas; Monolíngues na língua de referência (Azul): 06 pessoas; Monolíngues nas demais línguas faladas no território (Cinza): Nenhuma.

	ALDEIA 621		ALDEIA 623		ALDEIA LINHA 625 OU ALDEIA NOVA	
	Na comunidade de referência*	Na comunidade linguística (uma estimativa total)	Na comunidade de referência*	Na comunidade linguística (uma estimativa total)	Na comunidade de referência*	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Na língua de referência	0	6	2	6	0	6
Em português	5	22	4	22	1	22
Nas demais línguas faladas no território	0	0	0	0	0	0
Observações	Há também um indígena Tenharim casado e residente na aldeia 621. Dos 10 falantes fluentes, 01 (um) mora na cidade de Ouro Preto do Oeste, mas está na aldeia quase que constantemente, dado que é professor na aldeia 623. Há dois indígenas da etnia Juma na aldeia 621, dos quais uma é residente, casada com um indígena desta aldeia.				Não houve visita "X/xxxx" nas Aldeias Linha 625 (Aldeia Nova), Jamari, Alto Jamari e Alto Jaru (Módulo 1, Item 6, Subitem 6.4 - Págs. 15 e 16 do SEI 3071579)	
	ALDEIA ALTO JAMARI		ALDEIA JAMARI		ALDEIA ALTO JARU	
	Na comunidade de referência*	Na comunidade linguística (uma estimativa total)	Na comunidade de referência*	Na comunidade linguística (uma estimativa total)	Na comunidade de referência*	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Na língua de referência	3	6	0	6	0	6
Em português	4	22	3	22	5	22
Nas demais línguas faladas no território	0	0	0	0	0	0
Observações	Não houve visita "X/xxxx" nas Aldeias Linha 625 (Aldeia Nova), Jamari, Alto Jamari e Alto Jaru (Módulo 1, Item 6, Subitem 6.4 - Págs. 15 e 16 do SEI 3071579)		Não houve visita "X/xxxx" nas Aldeias Linha 625 (Aldeia Nova), Jamari, Alto Jamari e Alto Jaru (Módulo 1, Item 6, Subitem 6.4 - Págs. 15 e 16 do SEI 3071579)		Não houve visita "X/xxxx" nas Aldeias Linha 625 (Aldeia Nova), Jamari, Alto Jamari e Alto Jaru (Módulo 1, Item 6, Subitem 6.4 - Págs. 15 e 16 do SEI 3071579)	
	FALANTES QUE MORAM ENTRE OS ORO WIN		URU-EU-WAU-WAU ENTRE OS KARIPUNA DE RONDÔNIA		URU-EU-WAU-WAU NA ALDEIA TRINCHEIRA DOS AMODAWA	
	Na comunidade de referência*	Na comunidade linguística (uma estimativa total)	Na comunidade de referência*	Na comunidade linguística (uma estimativa total)	Na comunidade de referência*	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Na língua de referência	1	6	0	6	0	6
Em português	0	22	0	22	0	22
Nas demais línguas faladas no território	0	0	0	0	0	0
Observações	Não houve visita "X/xxxx" nas Aldeias Linha 625 (Aldeia Nova), Jamari, Alto Jamari e Alto Jaru (Módulo 1, Item 6, Subitem 6.4 - Págs. 15 e 16 do SEI 3071579)		Não houve visita "X/xxxx" nas Aldeias Linha 625 (Aldeia Nova), Jamari, Alto Jamari e Alto Jaru (Módulo 1, Item 6, Subitem 6.4 - Págs. 15 e 16 do SEI 3071579)		Não houve visita "X/xxxx" nas Aldeias Linha 625 (Aldeia Nova), Jamari, Alto Jamari e Alto Jaru (Módulo 1, Item 6, Subitem 6.4 - Págs. 15 e 16 do SEI 3071579)	

* Somente o que foi contabilizado pela pesquisa

Estimativa de **indivíduos bilíngues** na comunidade linguística (Módulo 5, Item 1, Subitem 1.3):



Dados: Quantos também falam Português? (Azul): 57 pessoas; Quantos também falam uma outra língua? (Amarilado): Nenhum.

	ALDEIA 621		ALDEIA 623		ALDEIA LINHA 625 OU ALDEIA NOVA	
	Na comunidade de referência*	Na comunidade linguística (uma)	Na comunidade de referência*	Na comunidade linguística (uma)	Na comunidade de referência*	Na comunidade linguística (uma)
Quantos também falam português?	11	57	6	57	9	57
Quantos também falam uma outra língua? Informe a	0	0	0	0	0	0
Observações	Há também um indígena Tenharim casado e residente na aldeia 621. Dos 10 falantes fluentes, 01 (um) mora na cidade de Ouro Preto do Oeste, mas está na aldeia quase que constantemente, dado que é professor na aldeia 623. Há dois indígenas da etnia Juma na aldeia 621, dos quais uma é residente, casada com um indígena desta aldeia.				Não houve visita "Xaxoco" nas Aldeias Linha 625 (Aldeia Nova), Jamari, Alto Jamari e Alto Jaru (Módulo 1, Item 6, Subitem 6.4 - Págs. 15 e 16 do SEI 3071579)	
	ALDEIA ALTO JAMARI		ALDEIA JAMARI		ALDEIA ALTO JARU	
	Na comunidade de referência*	Na comunidade linguística (uma)	Na comunidade de referência*	Na comunidade linguística (uma)	Na comunidade de referência*	Na comunidade linguística (uma)
Quantos também falam português?	8	57	7	57	10	57
Quantos também falam uma outra língua? Informe a	0	0	0	0	0	0
Observações	Não houve visita "Xaxoco" nas Aldeias Linha 625 (Aldeia Nova), Jamari, Alto Jamari e Alto Jaru (Módulo 1, Item 6, Subitem 6.4 - Págs. 15 e 16 do SEI 3071579)		Não houve visita "Xaxoco" nas Aldeias Linha 625 (Aldeia Nova), Jamari, Alto Jamari e Alto Jaru (Módulo 1, Item 6, Subitem 6.4 - Págs. 15 e 16 do SEI 3071579)		Não houve visita "Xaxoco" nas Aldeias Linha 625 (Aldeia Nova), Jamari, Alto Jamari e Alto Jaru (Módulo 1, Item 6, Subitem 6.4 - Págs. 15 e 16 do SEI 3071579)	
	FALANTES UEWU QUE MORAM ENTRE OS ORO WIN		URU-EU-WAU-WAU ENTRE OS KARIPUNA DE RONDÔNIA		URU-EU-WAU-WAU NA ALDEIA TRINCHEIRA DOS AMODAWA	
	Na comunidade de referência*	Na comunidade linguística (uma)	Na comunidade de referência*	Na comunidade linguística (uma)	Na comunidade de referência*	Na comunidade linguística (uma)
Quantos também falam português?	3	57	2	57	1	57
Quantos também falam uma outra língua? Informe a	0	0	0	0	0	0
Observações	Não houve visita "Xaxoco" nas Aldeias Linha 625 (Aldeia Nova), Jamari, Alto Jamari e Alto Jaru (Módulo 1, Item 6, Subitem 6.4 - Págs. 15 e 16 do SEI 3071579)		Não houve visita "Xaxoco" nas Aldeias Linha 625 (Aldeia Nova), Jamari, Alto Jamari e Alto Jaru (Módulo 1, Item 6, Subitem 6.4 - Págs. 15 e 16 do SEI 3071579)		Não houve visita "Xaxoco" nas Aldeias Linha 625 (Aldeia Nova), Jamari, Alto Jamari e Alto Jaru (Módulo 1, Item 6, Subitem 6.4 - Págs. 15 e 16 do SEI 3071579)	

Quanto à caracterização de situações de plurilinguismo (Módulo 5, Item 1, Subitem 1.4), não foram identificados na comunidade linguística indivíduos que falam 03 (três) ou mais línguas.

Já com relação à forma de aquisição da língua, o Português é comumente aprendido como primeira língua e o Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau como a segunda opção. Quando o Uru-Eu-Wau-Wau é aprendido, essa apropriação se dá na infância.

Infelizmente, por não haver uma política pública que oportunize as condições propícias para o aprendizado da língua originária, quando se dá o aprendizado do Português geralmente o Uru-Eu-Wau-Wau se torna monolíngue nesta língua (Módulo 5; Item 2).

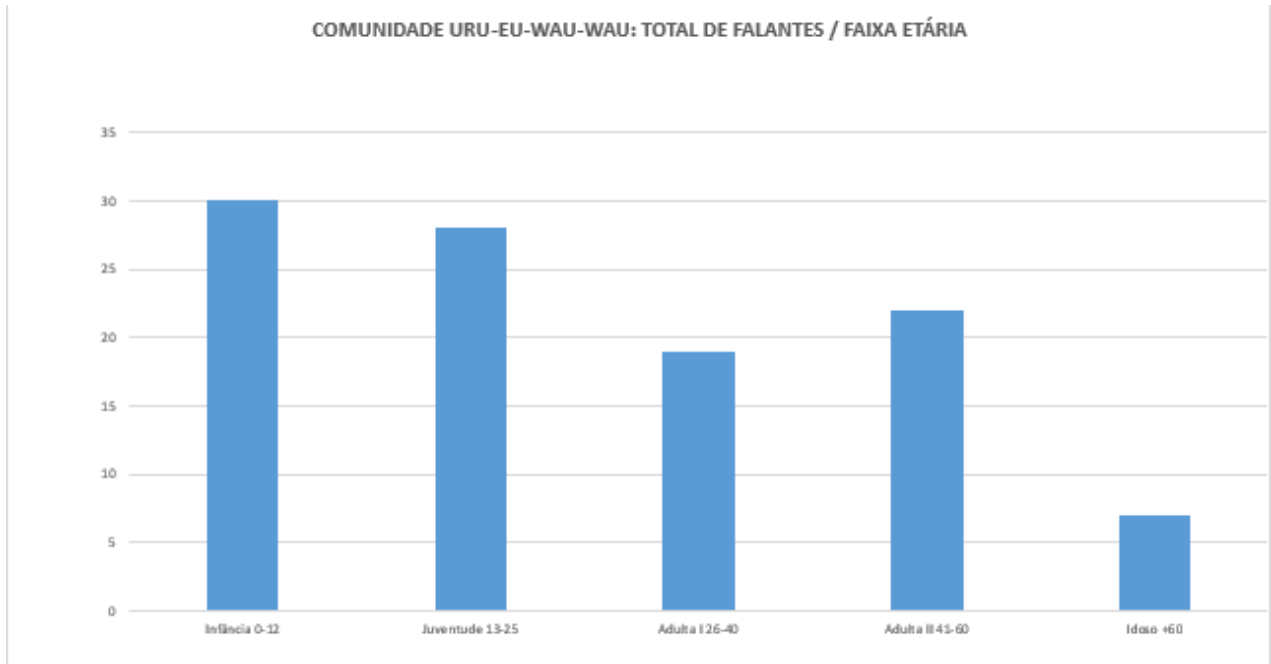
E o contexto social para o aprendizado da língua ocorre apenas durante o contato com os falantes acima de 30 (trinta) anos. E no ambiente escolar não há um projeto pedagógico voltado para o ensino da língua Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau.

De acordo com os professores entrevistados das aldeias Linha 621 e Linha 623, não há diferenças quanto à aquisição da língua de referência nas diferentes aldeias. Embora em algumas aldeias o número registrado de falantes é superior ao de não falantes, o cenário é o de jovens entre 0 (zero) e 20 (vinte) anos que são bilíngues passivos.

Para auxiliar na compreensão desse tema, segue o levantamento demográfico com os **tipos de falantes** para cada **faixa etária** em **números absolutos e porcentagem** (Modelo 5, Item 3, Subitem 3.1):

LÍNGUA KAWAHIBA DOS URU-EU-WAU-WAU: TAXA DE TRANSMISSÃO						
	Falantes Fluentes		Falantes com proficiência parcial		Não falantes	
	Nº absoluto	Percentual	Nº absoluto	Percentual	Nº absoluto	Percentual
Infância 0-12	-	-	7	6,48%	23	21,29%
Juventude 13-25	16	14,81%	10	9,25%	2	1,85%
Adulta I 26-40	19	17,59%	-	-	-	-
Adulta II 41-60	22	20,37%	-	-	-	-
Idoso +60	7	6,48%	-	-	-	-
	64	59,25%	17	15,74%	25	23,14%
						38,88%

OBS: Não foram considerados 01 (um) indígena Tenharim e 02 (dois) indígenas da etnia Juma, todos residentes na Aldeia Linha 621, no somatório final. colchetes o número representativo desses indivíduos.



Dados: Total de falantes por Faixa Etária - Infância 0-12: 30 falantes; Juventude 13-25: 28 falantes; Adulta I 26-40: 19 falantes; Adulta II 41-60: 22 falantes; Idoso +60: 07 falantes.

Abaixo, apresentamos o levantamento demográfico com os tipos de falantes para cada faixa etária em números absolutos e porcentagem em cada uma das 06 (seis) aldeias:

	Aldeia 621			Aldeia 623			Aldeia 625 ou Aldeia Nova		
	Pessoas-chave: Tangip e Ari			Pessoas-chave: Ari e Manda			Pessoas-chave: Boropo e Tangip		
	Falantes Fluentes	Falantes com proficiência parcial	Não falantes	Falantes Fluentes	Falantes com proficiência	Não falantes	Falantes Fluentes	Falantes com proficiência	Não falantes
	Nº absoluto			Nº absoluto			Nº absoluto		
Infância 0-12	0	1	5	0	3	4	0	0	1
Juventude 13-25	1	6	0	5	1	0	7	1	0
Adulta I 26-40	7	0	0	0	0	0	0	0	0
Adulta II 41-60	2	0	0	5	0	0	1	0	0
Idoso +60	0	0	0	2	0	0	0	0	0
OBS:	Há também um indígena Tenharim casado e residente na aldeia 621. Dos 10 falantes fluentes, 01 (um) mora na cidade de Ouro Preto do Oeste, mas está na aldeia quase que constantemente, dado que é professor na aldeia 623. Há dois indígenas da etnia Juma na aldeia 621, dos quais um é residente, casado com um indígena desta aldeia.						Não houve visita "in loco" nas Aldeias Linha 625 (Aldeia Nova), Jamari, Jamari e Alto Jaru (Módulo 1, Item 6, Subitem 6.4 - Págs. 15 e 16 do S 3071573)		
	Aldeia Alto Jamari			Aldeia Jamari			Aldeia Alto Jaru		
	Pessoas-chave: Boropo e Tangip			Pessoas-chave: Boropo e Tangip			Pessoas-chave: Boropo e Boropo		
	Falantes Fluentes	Falantes com proficiência parcial	Não falantes	Falantes Fluentes	Falantes com proficiência	Não falantes	Falantes Fluentes	Falantes com proficiência	Não falantes
	Nº absoluto			Nº absoluto			Nº absoluto		
Infância 0-12	0	2	3	0	1	4	0	0	3
Juventude 13-25	0	1	0	0	1	0	3	0	2
Adulta I 26-40	3	0	0	3	0	0	4	0	0
Adulta II 41-60	5	0	0	3	0	0	3	0	0
Idoso +60	3	0	0	1	0	0	0	0	0
OBS:	Não houve visita "in loco" nas Aldeias Linha 625 (Aldeia Nova), Jamari, Alto Jamari e Alto Jaru (Módulo 1, Item 6, Subitem 6.4 - Págs. 15 e 16 do SEI 3071573)			Não houve visita "in loco" nas Aldeias Linha 625 (Aldeia Nova), Jamari, Alto Jamari e Alto Jaru (Módulo 1, Item 6, Subitem 6.4 - Págs. 15 e 16 do SEI 3071573)			Não houve visita "in loco" nas Aldeias Linha 625 (Aldeia Nova), Jamari, Jamari e Alto Jaru (Módulo 1, Item 6, Subitem 6.4 - Págs. 15 e 16 do S 3071573)		
	Uru-Eu-Wau-Wau entre os Oro Vin			Uru-Eu-Wau-Wau da T. I. Karipuna			Uru-Eu-Wau-Wau na Aldeia Trincheira dos Amondã		
	Pessoas-chave: Boropo e Manda			Pessoas-chave: Boropo e Manda			Pessoas-chave: Tangip e Boropo		
	Falantes Fluentes	Falantes com proficiência parcial	Não falantes	Falantes Fluentes	Falantes com proficiência	Não falantes	Falantes Fluentes	Falantes com proficiência	Não falantes
	Nº absoluto			Nº absoluto			Nº absoluto		
Infância 0-12	0	0	0	0	0	3	0	0	0
Juventude 13-25	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Adulta I 26-40	1	0	0	1	0	0	0	0	0
Adulta II 41-60	1	0	0	1	0	0	1	0	0
Idoso +60	1	0	0	0	0	0	0	0	0
OBS:	Não houve visita "in loco" nas Aldeias Linha 625 (Aldeia Nova), Jamari, Alto Jamari e Alto Jaru (Módulo 1, Item 6, Subitem 6.4 - Págs. 15 e 16 do SEI 3071573)			*Além de visita "in loco" à aldeia dos Karipuna			Não houve visita "in loco" nas Aldeias Linha 625 (Aldeia Nova), Jamari, Jamari e Alto Jaru (Módulo 1, Item 6, Subitem 6.4 - Págs. 15 e 16 do S 3071573)		

A língua Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau foi caracterizada, com relação ao grau de transmissão (Módulo 5, Item 3, Subitem 3.2), em crise, ou seja, a dinâmica dos usos sociais da língua está em retração e, por conseguinte, o grau de vitalidade correspondente é severamente ameaçada (Módulo 6, Item 2, Subitem 2.1), devido à ausência de políticas linguísticas para a promoção e salvaguarda. O levantamento ortográfico revelou que a grafia contém várias inconsistências (Módulo 5, Item 4, Subitem 4.1.1. Para maiores detalhes, vide as Págs. 2 a 4 do SEI 3071614).

A grafia em uso foi produzida por Wany Bernardete de Araújo Sampaio, durante o seu Mestrado, depois da segunda metade da década de 90, e é utilizada pelos professores indígenas nas escolas das aldeias somente até o primeiro ciclo do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) e fica restrita apenas na vida

estudantil dos indivíduos.

Quando os jovens migram para as escolas não indígenas, a grafia cai em desuso, pois a partir do segundo ciclo do Ensino Fundamental eles não são estimulados a fazer uso de sua língua de referência nas escolas da cidade.

O registro escrito existe há menos de 25 (vinte e cinco) anos na comunidade e ainda não foi incorporada como uma tradição entre os Uru-Eu-Wau-Wau de produção de textos escritos em diferentes gêneros discursivos.

Contudo, as pessoas de comunidade costumam efetuar a comunicação escrita em Português em meios como Whatsapp e Facebook. Os pesquisadores identificaram um indígena que participa do Curso Intercultural da Universidade Federal de Rondônia (Unir – Campus Ji-Paraná) que relatou se comunicar por e-mail (Módulo 5, Item 4, Subitem 4.2).

A paisagem linguística da língua de referência se restringe a algumas palavras escritas em Português e traduzidas com a grafia da língua e afixadas em cartazes nas escolas das Aldeias Linhas 621 e 623, conforme registro em fotos.



Cartaz em escola da Aldeia 623. Registro DSC405 em SEI 3079125.



Cartaz em escola da Aldeia 623. Registro DSC404 em SEI 3079125.

Apresentamos o nível de proficiência em escrita e leitura dos Uru-Eu-Wau-Wau (Módulo 5, Item 4, Subitem 4.4):

Língua Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau				
Nível de proficiência	Leitura		Escrita	
	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade
Pleno	2	1,85%	2	1,85%
Parcial	26	24,07%	26	24,07%
Nulo	80	74,07%	80	74,07%
OBS.:				

Português				
Nível de proficiência	Leitura		Escrita	
	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade
Pleno	30	27,77%	14	12,96%
Parcial	23	21,29%	16	14,81%
Nulo	55	50,92%	78	72,22%
OBS.:				

Na comunidade linguística, entre as pessoas com mais de 30 (trinta) anos, a língua de referência predomina em todas as situações comunicativas. (Módulo 5; Item 5; Subitem 5.2)

No entanto, pessoas com idade entre 20 (vinte) e 29 (vinte e nove) anos usam o Português mesmo em situações corriqueiras, como quando jogam futebol, prática quase diária. Pessoas com idade inferior a essa tendem a usar o Português sempre com outros de mesma faixa etária.

O meio pelo qual a língua é mais utilizada é na sua modalidade oral, como nas conversas do dia a dia, em reuniões da associação, nas tomadas de decisão sobre alguma demanda da comunidade etc.

A única oportunidade em que se constatou seu uso na escrita foi quando se solicitou a alguns alunos do 9º (nono) ano que escrevessem um texto curto sobre sua vida na aldeia. Nas redes sociais, como Facebook, ou no Whatsapp, só de observou o uso do Português.

Além disso, no rádio, pelo qual fazem contato com outras aldeias Uru-Eu-Wau-Wau e a Casa de Apoio e Saúde do Índio (CASAI) de Jarú, onde há indígenas Kawahiba trabalhando, também só foi observado o uso do Português.

Portanto, com relação à dinâmica dos usos da língua Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau, a situação é de regressão, além de ser desconhecido os usos linguísticos especiais na língua de referência, pois não existem mais pajés entre os povos Kawahiba de Rondônia. (Módulo 5, Item 5, Subitem 5.4.1).

Apesar da aparente indiferença, a atitude dos falantes é positiva diante da língua de referência, pois a consideram como um valor sociocultural e gostaria de vê-la sendo transmitida para as novas gerações.

Com relação à influência de outras línguas na Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau, os pesquisadores destacaram que, apesar de novos elementos terem ingressado na cultura do povo recentemente, como escola, livro, carro, moto etc, são nominalizações ou derivações, sem recorrência ao processo de empréstimo de fato. (Módulo 5, Item 6, Subitem 6.2) (Págs. 29 e 30 do SEI 3071614).

"O exemplo disso vem de 'burehua', que significa 'avião'. Morfologicamente, essa palavra é composta de 'bure' (mosca) e 'hua', um sufixo aumentativo. Literalmente, 'burehua' é 'mosca grande ou avião'.

Contudo, é possível que esses neologismos sejam da época do contato, quando nenhum deles falava Português e, por isso, novidades que não são da cultura indígena foram traduzidas para a língua conforme sua função ou aspecto icônico mais saliente para os Uru-Eu-Wau-Wau.

Ademais, apesar dos velhos apresentarem um registro mais formal da língua segundo os jovens, não há um contexto de diglossia (situação de coexistência de duas línguas ou dois dialetos) na comunidade."

Quanto ao panorama das línguas de contato, com exceção dos 06 (seis) monolíngues e das crianças de 0 a 5 anos, os demais Uru-Eu-Wau-Wau são bilíngues em Português e não há falantes plurilíngues.

Já com relação às ações de revitalização e promoção, o pesquisador confeccionou algumas mídias de CD e DVD com material coletado com anciãos das aldeias 621 e 623 durante seu trabalho de campo para a coleta de dados do Inventário Nacional de Diversidade Linguística (INDL), pois a proposta do pesquisador é a de documentar a cultura verbal e descrever a língua, decisão essa que é apoiada pelo povo Uru-Eu-Wau-Wau.

No que tange as propostas da comunidade para a salvaguarda da língua, relacionamos as demandas conforme o nível de prioridade (Módulo 6, Item 1, Subitem 1.2):

PRIORIDADE ALTA:

- Assessoria para resolver problemas de ortografia;
- Assessoria para montar um programa de revitalização da língua;
- Documentação digital da língua e cultura verbal por meio de gravações de audiovisuais, com cópias para uso da comunidade;
- Treinamento em documentação digital;
- Aquisição de equipamentos para gravação e edição audiovisual para os indivíduos devidamente treinados;
- Documentação escrita da língua, dicionários, coletâneas de histórias etc;
- Confecção de mais materiais didáticos na língua;
- Reconhecimento da língua como Referência Cultural do Brasil;
- Oficialização da língua;
- Proteção contra pessoas ou organizações que se oponham à cultura verbal tradicional (por exemplo, festas e pajelança).

PRIORIDADE MÉDIA:

- Correção de materiais didáticos existentes e aumento do quantitativo;
- Uso da língua como meio de instrução (na medida do possível);
- Ensino da língua como disciplina escolar (mudar o formato atual);
- Ensino de conhecimentos tradicionais na escola (aprimorar o currículo vigente);
- Apoio para festas e outras práticas tradicionais que usam a língua.

A língua Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau está severamente ameaçada (Módulo 6; Item 2; Subitem 2.2. Págs 35 e 36 do SEI 3071614), de modo que demanda-se políticas públicas para a preservação da língua de referência dado seu estágio de obsolescência.

Segundo dados da pesquisa, a média de não falantes em cada aldeia gira em torno de 40% (quarenta por cento) a 50% (cinquenta por cento), com quase todos os jovens de até 24 (vinte e quatro) anos na condição de bilíngues passivos.

Em geral, somente pessoas acima de 55 (cinquenta e cinco) anos se comunicam na língua de referência em quase todas as situações de uso, exceto quando precisam se comunicar com os jovens.

Como mostra o diagnóstico de proficiência dos falantes, dos 102 (cento e dois) indivíduos da comunidade, 39 (trinta e nove) não falam a língua, o que representa quase 40% (trinta e nove por cento) da comunidade de referência.

A dificuldade de se promover a língua Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau é ampliada pela não existência de material didático na língua à disposição dos professores indígenas e de seus alunos, ao contrário da situação apresentada para o ensino da língua Portuguesa.

Apesar dos obstáculos apresentados, assim como os Amondawa, os Uru-Eu-Wau-Wau são bastante positivos para o ensino da língua e da cultura do povo aos mais jovens.

V. Conclusão:

Tendo em vista as informações apresentadas, observamos que o mapeamento, a caracterização e diagnóstico da língua e, por fim, a sistematização dos dados em formulário específico foram devidamente executados de acordo com o disposto no Decreto nº 7.387/2010, que institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL).

Nesse sentido, face o preenchimento dos pré-requisitos para o pedido de inclusão de línguas e o reconhecimento como Referência Cultural Brasileira, além de considerável volume de informações complementares sobre a língua inventariada, consideramos que foram atendidas as especificações técnicas para a instrução do processo de inclusão da língua Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau no Inventário Nacional da Diversidade Linguística e posterior deliberação pela Comissão Técnica do INDL.

Considerando o estado de **severa ameaça à língua de referência** apresentada pelo levantamento sociolinguístico realizado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) e sintetizado neste parecer, bem como todo o processo relatado de violência, aculturação e ameaça ao qual esse povo foi e continua sendo submetido ao longo de sua história, recomendo fortemente a inclusão da Língua **Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau** no INDL.

A inclusão da língua no INDL servirá não somente para destacar a relevância da língua para a memória, a história e a identidade do povo Uru-Eu-Wau-Wau e do povo brasileiro, mas também justificará a implementação de ações voltadas à salvaguarda da língua, conforme o Art. 5º do Decreto nº 7.387/2010, "que as línguas inventariadas farão jus a ações de valorização e promoção por parte do poder público".

Sobre o campo das memórias sensíveis, ressalto o teor da Nota Técnica 8 DPGU/DNDH, de 14 de setembro de 2021 (SEI 3119998), elaborada pela Defensoria Nacional de Direitos Humanos da DPU, cuja defesa é a de dimensionamento do patrimônio linguístico ao mesmo campo do respeito aos Direitos Humanos e que sejam, dessa forma, estabelecidas políticas públicas de reparação à repressão linguística no Brasil.

Segue trecho desse documento que ao nosso juízo traz luz a esta questão:

Ainda que possamos contextualizar historicamente tais eventos, são evidentes os seus efeitos negativos e consequências restritivas sobre a vida atual e perspectivas futuras dessas comunidades, fato que fundamenta ações e políticas públicas para conscientização do direito humano à diversidade linguística e medidas compensatórias de reparação imaterial pelos danos identitários.

(...)

Além disso, a lei proíbia o uso da língua materna de cada nação indígena e da Língua Geral da Costa, obrigando o uso da língua portuguesa e a adoção, pelos indígenas, de sobrenomes portugueses.

(...)

Portanto, havia um propósito explícito de assimilação dessas populações, cujo resultado visado era o extermínio de seus valores e de suas línguas.

Portanto, salvo melhor juízo, pelos motivos acima elencados somos favoráveis à inclusão da língua Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau no INDL, por considerar que a documentação apresentada é suficiente para a identificação dessa língua.

Dessa forma, submeto o presente Parecer à consideração do Chefe da Divisão Técnica de Diversidade Linguística para consideração superior e envio à instâncias superiores e submissão à Comissão Técnica do INDL para deliberação.

Daniel Ramos Araújo

Analista de Patrimônio e Cultura. Área 4.
Divisão Técnica de Diversidade Linguística – DTDL/CGIR/DPI

De acordo.

Marcus Vinicius Carvalho Garcia

Chefe da Divisão Técnica de Diversidade Linguística
DTD/CGIR/DPI/IPHAN



Documento assinado eletronicamente por **Daniel Ramos Araújo, Analista I**, em 24/11/2021, às 16:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcus Vinicius Carvalho Garcia, Chefe da Divisão Técnica da Diversidade Linguística**, em 24/11/2021, às 17:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <http://sei.iphan.gov.br/autenticidade>, informando o código verificador **3120025** e o código CRC **F46125B7**.



Referência: Processo nº 01450.003438/2021-47

SEI nº 3120025